

Obra: A mão da princesa ao mais sábio do Reino da Sapiência
Autor: J. J. Dacosta



LIVRO 49 - A MÃO DA PRINCESA AO MAIS SÁBIO DO REINO DA SAPIÊNCIA

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

A diferença do pequeno Reino da Sapiência com os demais reinos vizinhos estava nos valores e a filosofia de vida que o Rei Luiz III e a Rainha Suely adotaram para si e para os seus súditos. Os reinos vizinhos valorizavam as riquezas em ouro, prata e pedras preciosas e uma vida de consumo exagerado, incluindo bens materiais de alto valor. Mas, no Reino da Sapiência era diferente. Os valores maiores eram a sabedoria, o conhecimento e a cultura. Lá não havia ouro, prata e pedras preciosas e outros objetos de alto valor. Os súditos do reino não mantinham um estilo de vida em suas casas com base em um consumismo de bens materiais de alto valor. A Família Real e os súditos já tinham conhecimento que riquezas e bens materiais de valor não trazem a felicidade. Ao contrário, eles acreditavam que as riquezas e bens materiais de valor somente serviam para despertar a cobiça dos outros reinos, promovendo as guerras. E a cobiça dos criminosos, promovendo a violência. O Rei Luiz III sentia que precisava promover o casamento de sua única filha, a Princesa Arlete, para assegurar o nascimento de sucessores do reino. A Princesa Arlete concordou, mas com uma condição: se casar com o homem mais sábio do reino. Então, o Rei Luiz III promoveu uma competição para encontrar o súdito mais sábio do reino. E o vencedor foi uma surpresa para todos.

J. J. Dacosta

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

Era uma vez um reino muito pequeno, chamado Reino da Sapiência.

Este reino era muito diferente de todos os outros reinos vizinhos.

Mas, a diferença não estava nos castelos, nas vilas, nas casas, nas ruas ou nos campos.

Nestes aspectos, o Reino da Sapiência era muito parecido com os outros reinos vizinhos.

A diferença, entretanto, estava nos valores e a filosofia de vida que o Rei Luiz III e a Rainha Suely adotaram para si e para os seus súditos.

Os reinos vizinhos valorizavam as riquezas em ouro, prata e pedras preciosas e uma vida de consumo exagerado, incluindo bens materiais de alto valor.

E para proteger suas riquezas, estes reinos vizinhos gastavam a maior parte de suas receitas para manter exércitos poderosos e fortificações em torno de suas cidades.

As famílias se abrigavam em casas cercadas de muros e com grades nas janelas. Elas agiam assim para se proteger dos assaltos dos ladrões, que cobiçavam suas riquezas.

Mas, no Reino da Sapiência era diferente. Os valores maiores que orientavam todas as ações do Rei Luiz III e da Rainha Suely, bem como dos súditos do reino, eram a sabedoria, o conhecimento e a cultura.

Quem visitava o Reino da Sapiência se surpreendia ao ver, espalhadas por todo o reino, escolas, universidades, museus, teatros, exposições, praças com estátuas de personagens históricos, belos jardins, parques naturais para a proteção da flora e da fauna.

Tudo no reino lembrava o saber, a cultura e as artes.

Os súditos do reino tinham a melhor educação de todos os reinos vizinhos. Assim, todos eram considerados homens e mulheres cultas e de grande conhecimento.

Todas as crianças tinham escola do melhor nível à sua disposição.

O Reino da Sapiência não era alvo de cobiça e invasão dos reinos vizinhos, que tinham poderosos exércitos e que poderiam dominar o reino com muita facilidade.

Aliás, no Reino da Sapiência havia somente uma Guarda Real que se destinava a fazer escolta da Família Real e, principalmente, ajudar os súditos em casos de catástrofes naturais, incêndios nas matas e outras emergências.

No Reino da Sapiência havia, também, uma única prisão, que ficava vazia todo o tempo. Isto acontecia em razão de não haver violência e crimes no reino.

E a razão do desinteresse dos reinos vizinhos e dos criminosos é que não se encontrava riquezas no Reino da Sapiência.

Lá não havia ouro, prata e pedras preciosas e outros objetos de alto valor.

Os súditos do reino não mantinham um estilo de vida em suas casas com base em um consumismo de bens materiais de alto valor.

Assim, os reinos vizinhos guerreavam entre si, um procurando se apoderar das riquezas dos outros. Mas, se esqueciam do Reino da Sapiência. Lá não havia nada de valor para ser apoderado. Portanto, não justificava uma invasão.

O Rei Luiz III e a Rainha Suely e todos os súditos do reino eram dotados de grande sabedoria. Eles já tinham conhecimento que riquezas e bens materiais de valor não trazem a felicidade.

Ao contrário, eles acreditavam que as riquezas e bens materiais de valor somente serviam para despertar a cobiça dos outros reinos, promovendo as guerras. E a cobiça dos criminosos, promovendo a violência.

Não, definitivamente eles não queriam isto para o seu querido reino.

Mas, nem sempre foi assim.

Houve uma época em que o Reino da Sapiência seguia os mesmos valores dos demais reinos vizinhos. Os reis e rainhas anteriores procuravam acumular riquezas em ouro, prata e pedras preciosas.

Os súditos, por sua vez, gastavam seu dinheiro em consumo exagerado de tudo o que podiam comprar e em muitos bens de alto valor.

Como era um reino pequeno, com exército insuficiente, o Reino da Sapiência sofria constantes invasões e humilhações dos reinos vizinhos.

Portanto, a sabedoria, o conhecimento e a cultura entre os monarcas e os súditos do Reino da Sapiência surgiram após muitos anos de sofrimento.

Aprenderam a lição e decidiram que não queriam mais estes falsos valores para suas vidas.

E, há muitas décadas, o Reino da Sapiência vem seguindo este modelo com sucesso. Tornaram-se sábios, adquiriram experiência com base nas boas escolhas, boas escolhas adquiridas com a experiência das más escolhas que fizeram no passado!

E, quando isto aconteceu, eles mudaram o nome do reino para Reino da Sapiência.

O Rei Luiz III e a Rainha Suely tinham uma única filha, a Princesa Arlete. E esta única filha seria a futura rainha do Reino da Sabedoria.

E, um dia, após o jantar no castelo, o Rei Luiz III conversava com sua filha:

- Filha, precisamos pensar no seu casamento! Eu e sua mãe estamos ficando velhos e precisamos assegurar o nascimento de um sucessor para o nosso querido reino!

E a Rainha Suely complementava:

- É isto aí, minha filha. Um dia você será a rainha e governará o Reino da Sapiência. E precisará ter ao seu lado um futuro Príncipe Consorte de grande valor e sabedoria para ajudá-la nesta importante missão!

E, como sempre gentil e carinhosa, a Princesa Arlete respondeu:

- Mas, onde estará o meu príncipe encantado? Por enquanto, não encontrei ninguém que me interessasse, mãe! E eu somente me casaria com um homem muito sábio, talvez o mais sábio do reino. Mas, onde encontrá-lo?

O Rei Luiz III, ouvindo estas palavras de sua filha, teve uma ideia:

- E se nós promovêssemos uma competição de sabedoria no reino? Ao homem mais sábio do reino seria dada a mão da Princesa Arlete!

E a Rainha Suely achou boa a ideia:

- Eu gostei da ideia de seu pai, Arlete. Se algum membro da corte conseguir fazer perguntas a todos os 10 Sábios Reais e estes não souberem responder, ele ganharia a mão de nossa filha! O que você acha disto, querida?

A Princesa Arlete ficou sem responder por alguns minutos, refletindo sobre a ideia de seu pai, intercalando seu silêncio com simpáticos sorrisos.

- Está bem! Eu concordo com a sugestão do meu pai! Mas, com uma condição!

- Que condição é esta? Quis saber o Rei Luiz III.

- Que os pretendentes não sejam somente os membros da corte! Não seria justo. Eu quero que os súditos interessados, também, possam se apresentar e participar da competição! Esclareceu a Princesa Arlete.

- Bem, filha, eu acho muito difícil encontrar entre os súditos, homens com uma sabedoria, cultura e conhecimento capazes de fazer perguntas aos 10 Sábios Reais e estes não souberem responder! Seria mais aceitável que os candidatos estejam entre os homens que fazem parte da corte! Eles estão mais próximos dos 10 Sábios Reais e, assim, aprenderam mais com eles! Respondeu o Rei Luiz III.

Mas, a Rainha Suely interveio:

- De qualquer forma, temos que aceitar esta condição de nossa filha. No Reino da Sapiência os direitos dos súditos são respeitados!

Os 10 Sábios Reais eram os maiores sábios existentes no reino. E eles formavam o Conselho da Corte. Este Conselho da Corte era ouvido frequentemente pelo Rei Luiz III nas tomadas de decisões de importância para o reino.

Assim, fazer perguntas a todos os 10 Sábios Reais e estes não souberem responder era uma tarefa aparentemente impossível. Estes sábios dominavam todos os campos do conhecimento.

E a Princesa Arlete finalizou a conversa, dizendo:

- Bem, deixem-me pensar sobre tudo isto. No momento, não estou preparada para o casamento. Mas, sei que está chegando a hora de pensar seriamente nisto! Eu já estou com 25 anos de idade!

Em seguida, ela se retirou. Ela tinha um compromisso fora do Castelo. Ela visitaria a oficina de um artesão especializado em artigos de couro. E ela precisava de uma bolsa nova e de uma nova sela para o seu cavalo.

No Reino da Sapiência vivia um artesão jovem, bonito, forte e inteligente, que vivia sua vida humildemente. Ele se chamava Joaquim, mas era conhecido como Quincas.

Quincas tinha uma pequena área de terra e vivia em uma casinha simples feita de toras de madeira. Quincas cuidava do plantio de uma horta para sua sobrevivência e criava algumas galinhas e cabras. Assim, ele tinha diversas hortaliças, ovos e leite para sua alimentação.

Quando não estava cuidando da horta e de sua criação, Quincas se dedicava a fazer trabalhos em couro, como bolsas, sacolas, chapéus, adornos, muito procurados pelos súditos.

Ele fazia, também, selas, arreios e selas para cavalos. Ele se tornou um especialista neste trabalho e era um artesão do couro dos mais conceituados no reino.

Assim, um dia Quincas recebeu a visita da Princesa Arlete. Ela queria encomendar a confecção de uma bolsa para ela e de uma nova sela para o seu cavalo.

Ela ouviu falar que Quincas trabalhava muito bem com couro e sabia como dar cor às selas nas cores desejadas pelos donos.

E, neste dia, Quincas conheceu a Princesa Arlete pela primeira vez e ela, também, viu Quincas pela primeira vez.

Os dois ficaram parados, um olhando para o outro por um bom tempo sem dizerem nada. Eles se olharam carinhosa e profundamente, enquanto seus corações pulavam no peito de emoção.

Será que os dois sentiram o que era um verdadeiro amor à primeira vista?

Um pouco encabulada, a Princesa Arlete disse:

- Senhor Quincas! Bom dia! Tenho ouvido falar muito do senhor e da qualidade de seus serviços! Eu preciso que o senhor me faça uma bolsa para mim e uma sela nova para o meu cavalo, mas a quero na cor branca. Ele é todo preto e a sela branca vai deixá-lo mais lindo ainda!

- Bom dia, Alteza! Mas, por favor, não me chame de senhor! Sou seu súdito e farei a melhor bolsa e a melhor sela na cor branca que puder fazer! Respondeu Quincas, também inibido e envergonhado com a presença tão importante de uma linda princesa em sua oficina.

Em seguida, Quincas quis saber mais alguns detalhes da encomenda da Princesa Arlete:

- Mas, como a senhora quer a bolsa? Que tamanho, como quer o fecho, devo fazer aplicações decorativas?

A Princesa Arlete respondeu:

- Bem, na verdade eu não sei exatamente. Mas, sei de minha necessidade. Eu quero uma bolsa que eu possa carregar enquanto cavalgo pelos campos. Ela deve ter uma alça bem longa que eu possa passar pelo meu pescoço, prender nos meus ombros e que não seja muito pesada e grande. O fecho deve ser firme para que ela não se abra no passeio. Quanto à decoração, algo que lembre a natureza de nosso belo reino!

E quanto à sela, senhora? Questionou Quincas.

- A sela eu deixo inteiramente a seu critério. Sei que o senhor fará uma linda sela branca para o Diamante Negro. Respondeu a princesa.

A Princesa Arlete agradeceu e deixou o local acompanhado de seus soldados. Mas, na volta ao castelo, seu pensamento estava todo em Quincas:

- Que homem forte e bonito! Além disto, é um verdadeiro cavalheiro. Parece um nobre! Seus longos suspiros a traíam. Será que ela se deixou atrair pelo jovem artesão Quincas?

Na oficina, Quincas permanecia parado, enquanto via a Princesa Arlete e seus soldados desaparecerem na estrada de terra rumo ao castelo:

- Que princesa tão gentil! Além de linda, ela me tratou com muito respeito! Tem um grande coração! Seus longos suspiram também o traíam. Será que Quincas se apaixonou pela Princesa Arlete?

Mas, Quincas sabia que não podia nutrir nenhuma esperança com relação a este seu sentimento.

- Como pode um pobre súdito artesão se interessar por uma princesa! Pensava Quincas, sentindo um aperto em seu coração.

- Este é um amor impossível e que nunca se realizará! Concluiu.

Passadas algumas semanas, a Princesa Arlete retornou à oficina de Quincas para buscar sua encomenda, pensando:

- Ah! Estou curiosa para ver como ficaram a minha bolsa e nova sela de Diamante Negro!

Mas, seu coração não a deixava esquecer que ela estava alegre e emocionada em rever Quincas novamente!

Finalmente, ela chegou à oficina do artesão. De longe, ela pode ver Quincas trabalhando com dedicação, com seu rosto suado, seus longos cabelos negros caídos na face.

- Bom dia senhor Quincas! Disse a princesa.

Quincas não havia notado a aproximação da Princesa Arlete e logo procurou limpar seu rosto molhado de suor e ajeitar os cabelos com as mãos.

- Bom dia, princesa!

- O senhor conseguiu fazer minha bolsa e a sela do meu cavalo? Perguntou a princesa.

- Com certeza, alteza! Ela ficou a melhor sela que consegui fazer até hoje! Espero que a senhora goste da bolsa!

- Por favor, não me chame de senhora! Pediu a princesa.

- Pois não, princesa. Mas, peço-lhe outro favor - não me chame de senhor! Respondeu Quincas.

Os dois riram discretamente, sob os olhares atentos dos soldados que faziam a escolta da filha do Rei Luiz III.

E a sela ficou simplesmente maravilhosa. Ela se ajustará muito bem nas costas de Diamante Negro.

- A sela ficou muito linda, senhor... Quero dizer, Quincas! Muito obrigada! E qual é a paga por este excelente trabalho?

Quincas, a princípio, pensou em não cobrar nada. Mas, sentiu que isto não seria apropriado para o momento. E disse:

- São 10 moedas de bronze e duas moedas de prata, princesa.

A Princesa Arlete imediatamente ordenou a um de seus soldados que fizesse o devido pagamento.

Enquanto isto, a Princesa Arlete admirava os vários quadros pendurados nas paredes da oficina. Eram lindos quadros.

- Será que são quadros de Claude Monet, o famoso pintor Francês? Pensou.

Em seguida, a Princesa Arlete se despediu de Quincas:

- Quincas, uma vez mais, muito obrigada por este seu belo trabalho. Com certeza o meu prazer será maior em passear com Diamante Negro pelas estradas do reino. E, agora, eu posso levar tudo que preciso nesta bolsa. Adorei o desenho do beija-flor! E, quem sabe, um dia nos cruzamos nas estradas do reino...

As moças do reino gostaram tanto da bolsa da Princesa Arlete que encomendaram muitas outras bolsas iguais ao artesão Quincas. Dizem que, assim, nasceu a bolsa tiracolo! Será?

Quincas respondeu com a voz embargada pela emoção.

- Eu agradeço princesa pela honra de recebê-la em minha humilde oficina. Vá com a proteção de Deus e que ele me faça cruzar seus caminhos um dia, também!

Os soldados que faziam a escolta da princesa tomaram posição de retorno, enquanto ela permanecia alguns minutos olhando para Quincas a certa distância. Era como dissesse: “Até qualquer dia...”.

Quincas voltou às suas atividades. Ele tinha muito outros serviços para fazer. Mas, ele estava muito feliz. De tanta alegria, cantava tão alto que até os pássaros silenciaram para ouvi-lo cantar!

Quincas era um dos poucos súditos que não tinha cursado uma faculdade. Mas, ele era um homem muito culto e inteligente.

Ele lia com frequência, principalmente livros que tratassem de assuntos de meio ambiente, da fauna e da flora do reino.

Além de ler muito, Quincas era autodidata, ou seja, uma pessoa que aprende observando os fatos, analisando causas e efeitos e chegando a conclusões que se mostram verdadeiras em outras observações.

Assim, ele conhecia como ninguém o que acontecia na Natureza do Reino da Sapiência. E descobria fatos que não constavam dos livros ainda.

Quincas adorava a Natureza. Seu passatempo predileto era fazer trilhas pelas matas do reino. Lá ele podia ouvir o canto de vários pássaros, sentir o perfume e a beleza das flores, beber a água cristalina das fontes e respirar o ar puro da mata.

Para ele não existia nada melhor para recuperar suas energias. Era no contato com a mata que Quincas se sentia, verdadeiramente, um dos filhos da Mãe Natureza.

E Quincas tinha outro passatempo - pintar. Ele aprendera pintar sozinho. Assim, nas horas de folga, ele pintava quadros que retratavam jardins floridos e as belezas da Natureza.

E a Princesa Arlete quase acertou! Realmente, os quadros de Quincas se pareciam muito com os quadros do famoso pintor francês Claude Monet!

No Castelo, longe da oficina de Quincas, o Rei Luiz III analisava com os 10 Sábios Reais como seria a competição para escolher o homem mais sábio do Reino que receberia a sua filha em casamento.

E depois de várias horas de discussão, o Rei Luiz III, a Rainha Suely e os 10 Sábios Reais chegaram a uma conclusão de como seria a competição.

Eles elaboraram o regulamento da competição:

- A mão da Princesa Arlete será dada em casamento ao homem mais sábio do Reino da Sapiência;
- A escolha do homem mais sábio se dará através de uma competição;
- Vencerá a competição o candidato pretendente que fizer perguntas a todos os 10 Sábios Reais sem que eles apresentem respostas certas;
- O candidato pretendente marcará um ponto para cada pergunta não respondida pelos 10 Sábios Reais, desde que apresente a resposta correta. Vencerá a competição o candidato pretendente que somar 10 pontos;
- Se qualquer um dos 10 Sábios Reais souber a resposta a uma pergunta, o candidato pretendente estará automaticamente eliminado;
- Os candidatos pretendentes serão mantidos em sigilo em sua inscrição e se apresentarão com máscaras iguais para não revelarem suas identidades durante a competição;
- A competição acontecerá no salão nobre do castelo com a presença do casal real, da Princesa Arlete, os 10 Sábios Reais e 100 representantes dos súditos escolhidos por sorteio;
- A competição será realizada no dia do aniversário de Princesa Arlete, ou seja, daqui a três meses;
- Somente súditos nascidos no Reino da Sapiência podem concorrer;
- A Princesa Arlete deverá consentir com o casamento com o vencedor da competição;
- Se não houver vencedor, caberá ao Rei Luiz III escolher o homem que se casará com a Princesa Arlete e que será o futuro Príncipe Consorte do reino.

A Princesa Arlete leu o regulamento da competição. Apesar de não gostar do último item, não viu outra alternativa senão aceitá-lo.

Comunicados foram afixados em todos os cantos do Reino da Sapiência para que todos os súditos tomassem conhecimento da competição e de seu regulamento.

E um destes comunicados foi afixado na oficina do artesão Quincas...

- A mão da Princesa Arlete para o mais sábio do Reino da Sapiência! Mas, quem será que teve esta ideia? Questionou-se Quincas.

Por um momento, Quincas se viu longe de qualquer pretensão de conseguir a mão da princesa que tanto amava. Mas, seu coração e sua coragem o levavam a pensar em se candidatar!

- Eu não teria nada a perder! No mínimo, poderei rever a Princesa Arlete, mesmo ela não sabendo quem eu sou, escondido que estarei atrás de uma máscara! Pensou Quincas.

- Mas, fazer perguntas que os 10 Sábios Reais não saberão responder é uma missão impossível para qualquer súdito do reino! Concluiu Quincas.

- Pobre Princesa Arlete! Ela terá que aceitar se casar com o homem escolhido por seu pai, o Rei Luiz III! Lamentou Quincas.

Este lamento pela princesa fez com que Quincas criasse coragem e tomasse uma decisão:

- Eu vou me inscrever e participar da competição! É uma missão impossível, mas para Deus tudo é possível! Pensou Quincas, convencido de sua decisão.

Não se falava de outra coisa no Reino da Sapiência. A competição pela mão da Princesa Arlete era assunto comentado e discutido nos quatro cantos do reino. Mas, um ponto era comum - dificilmente aparecerão candidatos dispostos a enfrentar os 10 Sábios Reais!

E, no dia marcado para os candidatos fazerem suas inscrições, uma multidão se aglomerava à porta do Castelo. Havia grande curiosidade em saber quantos candidatos se apresentariam. Mas, esta multidão não saberia quem seriam eles, uma vez que deveriam se inscrever usando máscaras.

Aos poucos, os candidatos iam chegando.

Veio um, depois mais um, depois outro e mais outro. Mas, como esperado, o número de candidatos foi pequeno. Somente 7 candidatos se apresentaram. Entre eles, estava Quincas!

- Sete candidatos pretendentes? Quem seriam eles? Disse a Princesa Arlete quando soube de sua mãe Suely o resultado das inscrições.

- Ah! Espero que além de sábio, seja um homem que eu consiga amar e admirar! Disse a princesa, suspirando de emoção e ansiedade.

De sua parte, Quincas pensava nas perguntas que poderia fazer aos 10 Sábios Reais. Era uma tarefa extremamente difícil.

- O que estes 10 Sábios Reais poderiam não saber? Questionava-se.

E Quincas, ao longo dos três meses que antecederam à competição, pensava e escrevia suas perguntas. Ele precisava de 10 perguntas, mas escreveu mais que 10 para fazer, depois, a seleção das que julgava melhores.

Para relaxar, buscava conforto e meditação em contato com a Natureza, fazendo trilhas, sentando-se nas pedras à beira dos riachos, ouvindo o canto dos pássaros, revendo os animais silvestres que habitavam a mata e que se tornaram seus amigos, respirando profundamente o ar úmido e limpo, abraçando por vários minutos os grandes troncos das árvores.

E o grande dia da competição se aproximava. A expectativa no reino era grande.

E todos se questionavam:

- Quem será o vencedor da competição que ganhará a mão da princesa em casamento?

- Será que haverá alguém no reino com capacidade para superar os 10 Sábios Reais?

- Se não houver vencedor, quem o Rei Luiz III escolherá para marido da Princesa Arlete e futuro Príncipe Consorte?

E, finalmente, o grande dia da competição chegou! Era o dia do aniversário da Princesa Arlete. O Salão Nobre do Castelo estava arrumado para o grande evento.

Ao centro, atrás de uma mesa grande, estavam o Rei Luiz III, a Rainha Suely e a Princesa Arlete. Ao lado direito, sentaram-se os 10 Sábios Reais. Ao lado esquerdo, os 7 competidores, todos usando uma máscara padrão. Ao fundo, os cem representantes dos súditos.

O silêncio era total. Os 10 Sábios Reais mostravam-se tranquilos e confiantes. Os 7 competidores estavam visivelmente nervosos e tensos. A plateia de 100 súditos, muito ansiosa.

E o Rei Luiz III fez a saudação inicial:

“Meus queridos súditos! Respeitáveis competidores! Meu sábio Conselho! Hoje é um dia especial para o Reino da Sapiência. Esta competição poderá determinar quem será o homem mais sábio do reino e que poderá ganhar a mão de minha filha em casamento e se tornar o futuro Príncipe Consorte. À minha filha, Princesa Arlete, eu dou meus parabéns pela decisão que tomou de se casar com o homem mais sábio do reino. O Reino da Sapiência tem se tornado um reino de progresso e de paz graças à sabedoria de seus súditos. E nada mais importante que o futuro Príncipe Consorte seja o homem mais sábio do reino. Isto nos garantirá que a filosofia de vida adotada por todos nós terá prosseguimento nas gerações seguintes. Eu desejo boa sorte a todos e que vença o mais sábio! Lembro que, se não houver vencedor, eu escolherei o futuro esposo de minha filha, através da indicação de vários nomes sugeridos pelos 10 Sábios Reais”.

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, chamou e apresentou o primeiro candidato pretendente:

- O primeiro candidato pretendente é Astrônomo, tem 48 anos. Por favor, pode dirigir sua pergunta aos 10 Sábios Reais!

O Astrônomo levantou-se e fez sua pergunta aos 10 Sábios Reais:

- Respeitáveis senhores! Todas as noites, nós admiramos a beleza do luar e nos deixamos enfeitiçar pela Lua. Assim, pergunto: A que distância a nossa bela Lua está da nossa querida Terra? E que distância tem um ano-luz?

Para desapontamento do incógnito astrônomo, vários sábios se apresentaram para dar a resposta, cabendo ao mais velho se manifestar:

- A lua dista 384.405 quilômetros de nosso planeta, sendo sua aproximação máxima de 356.577 quilômetros e sua distância máxima de 406.655 quilômetros, de acordo com sua posição na órbita ao redor da Terra.

E o sábio mais velho continuou:

- A luz viaja a 300 mil quilômetros por segundo. Um ano-luz é a distância que a luz pode viajar em um ano, ou seja: 300.000 quilômetros por segundo x 60 segundos por minuto x 60 minutos por hora x 24 horas por dia x 365 dias por ano, totalizando 9.460.800.000.000 quilômetros/ano.

O desiludido Astrônomo reconheceu que a resposta estava correta. Assim, foi desclassificado.

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, chamou e apresentou o segundo candidato pretendente:

- O segundo candidato pretendente é um Geógrafo, tem 27 anos. Por favor, pode dirigir sua pergunta aos 10 Sábios Reais!

O Geógrafo levantou-se e fez sua pergunta aos 10 Sábios Reais:

- Honoráveis senhores! Sabemos que o nosso Planeta Terra é um pequeno ponto azul na imensidão do Universo. Porém, este pequeno ponto azul tem grandes dimensões. Assim, coloco minha pergunta: Qual é o tamanho da superfície total da Terra e quanto representa as terras emersas e os mares e oceanos?

Um dos sábios levantou a mão, disposto a dar a resposta, para angústia do Geógrafo:

- A superfície total do Planeta Terra tem 510 milhões e 300 mil quilômetros quadrados, sendo 149 milhões e 670 mil quilômetros quadrados de terras emersas, ou 29,31% do total, e os mares e oceanos têm 360 milhões e 630 mil quilômetros quadrados, ou 70,69% do total.

O infeliz Geógrafo reconheceu que a resposta estava correta. Assim, foi desclassificado.

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, chamou e apresentou o terceiro candidato pretendente:

- O terceiro candidato pretendente é um Comerciante, tem 38 anos. Por favor, pode dirigir sua pergunta aos 10 Sábios Reais!

O Comerciante levantou-se e fez sua pergunta aos 10 Sábios Reais:

- Admiráveis senhores! Todos os dias fazemos inúmeros cálculos e contas nas mais diversas atividades de nossa vida! Como comerciante, eu

faço muitos cálculos todos os dias. Eu adoro matemática! Assim, minha pergunta é um problema do cotidiano: Um homem gastou tudo o que tinha no bolso em três lojas. Em cada loja uma gastou 1 moeda de prata a mais do que a metade do que tinha ao entrar. Quanto o homem tinha ao entrar na primeira loja?

Os 10 Sábios Reais olharam um para o outro, dando um discreto sorriso. E por acharem a resposta muito simples, deixaram que o sábio mais jovem se manifestasse.

- Vamos considerar que quando o homem entrou na primeira loja ele tinha N moedas de prata. Então o nosso objetivo é achar o valor de N . O problema diz que em cada loja o homem gastou 1 moeda de prata a mais do que a metade do que tinha ao entrar. Na loja 1 o homem entrou com N moedas de prata. Assim, o homem gastou: $(N/2) + 1$. Portanto, o homem ficou com: $N - ((N/2)+1) = N - (N/2) - 1 = (2N - N - 2) / 2 = (N - 2)/2$. Na loja 2 o homem entrou com $(N - 2)/2$. Assim, o homem gastou: $((N - 2)/2) / 2 + 1 = (N - 2)/4 + 1 = (N + 2)/4$. Portanto, o homem ficou com: $(N - 2)/2 - ((N + 2)/4) = (2N - 4 - N - 2) / 4 = (N - 6)/4$. Na loja 3 o homem entrou com $(N - 6) / 4$. O homem gastou: $((N - 6) / 4) / 2 + 1 = (N - 6)/8 + 1 = (N + 2)/8$.

E o sábio mais jovem concluiu:

- Portanto o homem ficou com zero moeda de prata, porque o problema diz que ele gastou tudo o que tinha nas três lojas. Então concluimos que o dinheiro que ele entrou na loja 3, menos o dinheiro que ele gastou na loja 3 é igual a zero: $(N - 6) / 4 - ((N + 2)/8) = 0$. $(2N - 12 - N - 2) / 8 = 0$. $2N - 12 - N - 2 = 0$ $N - 14 = 0$. $N = 14$. Portanto, quando o homem entrou na primeira loja ele tinha 14 moedas de prata!

O desapontado Comerciante reconheceu que a resposta estava correta. Assim, foi desclassificado.

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, chamou e apresentou o quarto candidato pretendente:

- O quarto candidato pretendente é um Filósofo, tem 62 anos. Por favor, pode dirigir sua pergunta aos 10 Sábios Reais!

O Filósofo levantou-se com alguma dificuldade e fez sua pergunta aos 10 Sábios Reais:

- Incomparáveis senhores! Tenho certeza que os senhores amam filosofia como eu amo. Aliás, sabemos que a origem grega da palavra Filosofia significa literalmente ‘amor à sabedoria’. A filosofia está muito presente no Reino da Sapiência, quando faz reflexão e toma decisões sobre temas relacionados à existência, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais e éticos, à mente, à linguagem. Pois bem, eis minha pergunta aos sábios: Qual foi a primeira manifestação da história da humanidade que podemos considerar como o nascimento dos filósofos e da filosofia?

Para a surpresa do velho Filósofo, vários sábios se apresentaram para dar a resposta. E coube ao sábio mais interessado em Filosofia dar a resposta:

- A Filosofia surgiu desde o momento em que o homem começou a refletir sobre o funcionamento da vida e do Universo, buscando soluções para as grandes questões da existência humana. Assim, começaram a surgir os grandes pensadores, que buscavam diversos temas para reflexão. E foi na Grécia Antiga que surgiram os primeiros grandes pensadores. Portanto, a Grécia é considerada como o berço da filosofia e no Século VI a.C. os sábios gregos buscavam explicações racionais para tudo aquilo que era explicado, até então, através da mitologia. Podemos afirmar, assim, que esta foi a primeira corrente de pensamento, surgida na Grécia Antiga por volta do século VI a.C. Os filósofos que viveram antes de Sócrates se preocupavam muito com o Universo e com os fenômenos da natureza. Buscavam explicar tudo através da razão e do conhecimento científico. Podemos citar, neste contexto, os físicos Tales de Mileto, Anaximandro e Heráclito. Pitágoras desenvolve seu pensamento defendendo a idéia de que tudo preexiste a alma, já que esta é imortal. Demócrito e Leucipo defendem a formação de todas as coisas, a partir da existência dos átomos.

O velho Filósofo ouvia a resposta e se mostrava deslumbrado pelo conhecimento do grande sábio, exclamando:

- Bravo! Bravo! A resposta está correta!

Assim, foi desclassificado.

O Rei Luiz III, a Rainha Suely e a Princesa Arlete ouviam as perguntas e respostas com certa preocupação e ansiedade.

A Princesa Arlete sentia em seu coração que nenhum dos candidatos pretendentes havia feito seu coração pular de emoção. Apesar de escondidos atrás da máscara, seus portes físicos, suas vozes, suas posturas, não foram suficientes para despertar maior interesse de sua parte.

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, chamou e apresentou o quinto candidato pretendente:

- O quinto candidato pretendente é um Professor de História, tem 45 anos. Por favor, pode dirigir sua pergunta aos 10 Sábios Reais!

O Professor de História, aparentando grande confiança e amante de sua profissão, levantou-se para formular sua pergunta:

- Grandes mestres do saber! Sabemos que o estudo da História é de grande importância para a humanidade. A História nos mostra o que aconteceu, o que deve e não deve se repetir, além de nos mostrar de onde surgiram todos os pensamentos e tudo o que foi criado e modificado pelo homem. Em razão disto, sou um apaixonado pelo estudo da História e acredito que a absorção de conhecimentos históricos é fundamental à educação de uma pessoa. O estudo da História nos ajuda a melhor entender o presente e projetar tendências do futuro. Portanto, minha pergunta não poderia ser outra senão: Quais foram os 10 maiores marcos históricos que transformaram a humanidade?

E um dos sábios, que até o momento estava mais quieto, fez questão de responder por, também, ser muito aficionado por História:

- Na verdade, não podemos determinar que existem dez maiores marcos históricos que transformaram a humanidade, que foram aceitos unanimemente por todos os historiadores. Porém, há sim um número expressivo de historiadores que apontam os seguintes dez maiores marcos históricos de maior importância para a humanidade.

São eles:

1 - A invenção da escrita. Por volta de 4000 a.C, os sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme. Usavam placas de barro, onde cunhavam esta escrita. É desnecessário dizer quão importante foi a invenção da escrita pois, baseado nela, o conhecimento pode ser preservado, retransmitido e aprimorado, possibilitando o surgimento da cultura e o desenvolvimento científico.

2 - O Código de Hamurabi - 1700 a.C. O código de Hamurabi é a primeira legislação de que se tem conhecimento. A partir dele, a sociedade dá o primeiro passo para uma organização menos subjetiva, abandonando a transmissão de leis oralmente. Tão importante que gerou a expressão "acordo gravado em pedra", pois o código de Hamurabi encontrava-se gravado em um monólito para que todos os cidadãos o conhecessem.

3 - A prensa de Gutenberg - 1445. Inspirado pelas prensas usadas na fabricação de vinho, Johannes Gutenberg idealizou uma prensa tipográfica e a tinta a prova de borrões que tornaria a impressão de páginas mais eficaz. Este invento foi o grande popularizador dos livros, já que antes dele cada volume precisava ser escrito à mão, num processo longo e caro. De fato, antes da prensa de Gutenberg, ter um livro era privilégio da nobreza. A produção em massa causou o barateamento e a popularização da palavra escrita.

4 - Máquina a vapor - 1712. Embora já existissem máquinas a vapor antes disso, foi somente em 1712 que Thomas Newcomen idealizou e patenteou o primeiro modelo de máquina a vapor realmente comercializável. Apesar de simples e de ter usos muito restritos (como bombear água de minas) a máquina de Newcomen foi a precursora de uma nova tecnologia que não utilizava força animal ou humana para a realização de trabalho. Tudo o que veio depois, (eletricidade, energia nuclear, energia eólica, etc.) começou com a simplicidade de uma máquina a vapor.

5 - Vacinas - 1796. Quando Edward Jenner conversou com uma das moças responsáveis pela ordenha das vacas numa fazenda, ouviu-a comentar que jamais contraía varíola porque já havia contraído a varíola bovina uma vez. A versão bovina da doença é muito mais branda que a (quase sempre fatal ou mutilante) versão humana. Com isso em mente, Jenner inoculou num menino de 8 anos a varíola bovina, da qual a criança se recuperou prontamente. Seis semanas depois Jenner voltaria a inocular a criança, dessa vez com a variante humana da doença, observando que ele havia adquirido imunidade. Dessa experiência surgiu o conceito de vacina e a humanidade, que antes era dizimada por doenças, passa a combatê-las antes que se manifestem.

6 - Penicilina - 1925. A penicilina foi descoberta em 1928 quando Alexander Fleming saiu de férias e esqueceu algumas placas com culturas de microrganismos em seu laboratório no Hospital Saint Mary em Londres. Quando voltou, reparou que uma das suas culturas de Staphylococcus tinha sido contaminada por um bolor, e em volta das colônias deste não havia mais bactérias. Se a vacina de Edward Jenner ajudava a prevenir o contágio por diversas doenças, a penicilina do Dr. Fleming era capaz de curar aqueles que já se encontravam doentes e sem esperanças de salvação. Infecções, tuberculose e diversas doenças fatais que dizimaram incontáveis pessoas, agora eram curáveis. Depois da vacina e da penicilina a humanidade pôde, finalmente, sonhar com um mundo sem doenças e a medicina se viu forte e capaz.

7 - Domínio do átomo - agosto de 1945. Com a explosão de duas bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki a humanidade assistiu horrorizada ao que o gênio humano era capaz de fazer: nós havíamos dominado o átomo e todo esse poder foi demonstrado na construção de uma arma capaz de vaporizar cidades inteiras em segundos. Com esse gesto o mundo inteiro passou a experimentar sentimentos opostos: o pasmo pelo brilhantismo que a física havia conseguido e o horror nuclear com a noção de que o homem era capaz de extinguir a si mesmo.

8 - Invenção do computador - 1946. Quando o ENIAC (do inglês: Electronic Numerical Integrator and Computer) entrou em operação a guerra já havia terminado, mas, basicamente, o primeiro computador era uma calculadora eletrônica de 30 toneladas feita para cálculos de balística. Era a primeira vez que uma máquina utilizava somente eletricidade para realizar cálculos, armazenar dados e fornecer respostas; o sonho do "cérebro eletrônico" havia começado. Se não fosse pelo ENIAC, caro leitor, você não estaria lendo esse artigo agora.

9 - Lançamento do primeiro satélite - 4 de outubro de 1957. A Rússia daria o primeiro passo na exploração espacial, lançando um objeto feito pelo homem ao espaço. O satélite Sputnik tinha a missão de provar para os cientistas que era possível enviar máquinas ao espaço e usá-las para nosso benefício aqui na Terra. Hoje em dia os satélites são responsáveis pela nossa comunicação, pelo nosso entretenimento e assumiram o papel de nossos olhos, vigiando o clima, recolhendo dados e servindo de trampolim para o nosso mergulho pelo sistema solar e o Cosmos.

10 - Internet - 7 de abril de 1969. A internet acabou com as fronteiras. Agora que as informações podiam navegar na velocidade da luz por todo o globo, as economias se uniram num processo chamado "globalização". Mas nada disso seria possível se, em abril de 1969 a primeira rede de computadores não tivesse entrado em operação no Ministério de Defesa Americano. A principal intenção era montar um meio de comunicação que não pudesse ser "derrubado" pelos inimigos e a melhor forma de conseguir isso foi bolar uma rede de computadores aonde a comunicação não fosse centralizada, mas cada máquina em si pudesse continuar transmitindo para a rede.

Foi uma resposta tão longa e que tomou tanto tempo, que o Rei Luiz III caiu no sono, cansado de ouvir. De vez em quando, a Rainha Suely o cutucava para acordá-lo, procurando fazer com que as pessoas presentes não percebessem esta gafe do rei.

O apaixonado Professor de História ficou atônito com a qualidade da resposta do sábio e se curvou, simplesmente, dizendo:

- A resposta e todas as observações estão precisas e corretas. Eu aprendi ainda mais com o sábio dos sábios!

Assim, foi desclassificado.

A Princesa Arlete chegou a se simpatizar muito com o Professor de História. E lamentou silenciosamente sua desclassificação.

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, chamou e apresentou o sexto candidato pretendente:

- O sexto candidato pretendente é um Esportista, tem 23 anos. Por favor, pode dirigir sua pergunta aos 10 Sábios Reais!

E o jovem Esportista levantou-se rapidamente, deu dois saltos mortais no ar, demonstrando a força de sua juventude, parando em posição de aplauso. Mas, ao contrário do que esperava, O Rei Luiz III e a Rainha Suely não gostaram nada desta sua introdução. Apenas, a Princesa Arlete sorria discretamente de seu atrevimento.

E o jovem Esportista fez sua pergunta:

- Bem, farei minha pergunta de forma simples e direta. Não quero incomodar mais ainda o nosso rei que parece estar morto de sono e tédio!

A Rainha Suely e a Princesa Arlete gelaram com este comentário do jovem Esportista, olhando assustadas para o Rei Luiz III para ver sua reação.

Mas, o Rei Luiz III se manteve firme e altivo, preferindo não demonstrar nenhuma reação ao comentário deselegante, apesar de procedente, do jovem Esportista.

E o jovem Esportista colocou sua pergunta:

- Meus sedentários sábios! Onde nasceram os Jogos Olímpicos e em que período eles foram realizados na antiguidade?

Houve um momento de silêncio e falta de iniciativa dos 10 Sábios Reais. Nenhum deles se apresentou para responder. Então, o sábio mais velho determinou que um deles respondesse:

- Bem, confesso que este assunto não é fonte de minha curiosidade. Mas, sei que os Jogos Olímpicos tiveram origem na Grécia Antiga, precisamente na cidade de Olímpia. Mas, não sei dizer em que período da história eles foram realizados.

O jovem Esportista marcou, assim, seu primeiro ponto!

Mas, para confirmar este ponto, ele próprio tinha que oferecer a resposta certa. E foi o que ele fez:

- Os Jogos Olímpicos são um grande evento internacional, com esportes de verão e de inverno, em que milhares de atletas participam de várias competições. Atualmente os jogos são realizados a cada dois anos, em anos pares, com os Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno se alternando, embora ocorram a cada quatro anos no âmbito dos respectivos Jogos sazonais. Originalmente, os Jogos Olímpicos da Antiguidade foram realizados em Olímpia, na Grécia, como disse o respeitável sábio, do século VIII a.C. ao século V d.C.

Dando mais um salto mortal, após duas cambalhotas, o jovem Esportista comemorava a conquista de seu primeiro ponto. Em seguida, fez sua segunda pergunta:

- Como nasceu a competição denominada de Maratona e quem foi considerado seu primeiro vencedor?

Novamente, houve um desconforto entre os 10 Sábios Reais e nenhum deles se apresentou espontaneamente. Coube novamente ao sábio mais velho indicar um deles para responder:

- A prática da maratona é bem mais antiga que a realização dos jogos olímpicos modernos. Segundo alguns estudiosos, esse tipo de corrida foi originalmente criada durante as Guerras Médicas, quando gregos e persas lutavam entre si pelo controle da Ásia Menor e da Península Balcânica. Na primeira parte deste conflito, os gregos venceram os persas em uma eficiente estratégia de batalha executada na planície de Maratona, que dá nome ao esporte hoje praticado. Naquela ocasião, a notícia da batalha deveria ser urgentemente repassada aos gregos que habitavam a cidade de Atenas. Mas, infelizmente, não me ocorre o nome de quem seria o primeiro vencedor da Maratona!

Dando, desta vez, três saltos mortais no ar o jovem Esportista comemorava a conquista de seu segundo ponto.

Desta vez, o Rei Luiz III arregalou bem os olhos e começou a se preocupar. Ele não imaginava ter como genro um jovem sábio Esportista tão debochado e irreverente!

A Princesa Arlete achava muita graça da participação do jovem Esportista, apesar de não ter se simpatizado com ele e nem se ver casada com um candidato pretendente com esta personalidade.

Mas, ela pensava, rindo: “De qualquer forma, minha vida seria muito divertida e movimentada com um Príncipe Consorte deste tipo!”.

Para confirmar o segundo ponto, o próprio jovem Esportista apresentou a resposta certa:

- Como disse o nosso ilustre sábio, a notícia da batalha deveria ser urgentemente repassada aos gregos que habitavam a cidade de Atenas. Para que a tarefa fosse realizada, as tropas gregas elegeram o habilidoso soldado Filípides para percorrer a distância de quarenta e dois quilômetros que separava a cidade de Atenas e a planície de Maratona. O esforço que Filípides empregou em sua missão foi tão grande que, ao chegar a seu destino, noticiou a vitória grega e logo morreu com o desgaste da missão.

Em seguida, fez sua terceira pergunta, em busca de seu terceiro ponto:

- Meus talentosos sábios. Minha terceira pergunta é sobre o esporte maior do Planeta Terra, o futebol! Assim, pergunto: Como, onde e em que lugar nasceu esta modalidade de esporte?

Uma vez mais, os 10 Sábios Reais se movimentaram demonstrando certo nervosismo com relação a esta pergunta. Mas, logo surgiu o sábio mais jovem que se manifestou:

- Eu gostaria de responder a esta pergunta. Eu jogo futebol e sempre procurei saber sobre este esporte!

O jovem Esportista, desta vez, ficou preocupado e se viu ameaçado em seus planos. O Rei Luiz III se interessou tanto que até levantou de sua cadeira. Naturalmente, ele torcia pelo sábio, apesar de se esperar sua neutralidade. Mas, quando se fala em futebol tudo pode acontecer!

A Rainha Suely olhava para a Princesa Arlete e as duas riam como duas crianças diante da situação!

E o sábio deu sua resposta à pergunta do jovem Esportista:

- O futebol (do inglês football) é, realmente, um dos esportes mais populares e é praticado do norte ao sul do mundo. Embora não se tenha muita certeza sobre os primórdios do futebol, historiadores descobriram vestígios dos jogos de bola em várias culturas antigas. Estes jogos de bola ainda não eram o futebol, pois não havia a definição de regras como há hoje, porém demonstram o interesse do homem por este tipo de esporte desde os tempos antigos. Na China Antiga, por volta de 3000 a.C, os militares chineses praticavam um jogo que na verdade era um treino militar. Após as guerras, formavam equipes para chutar a cabeça dos soldados inimigos. Com o tempo, as cabeças dos inimigos foram sendo substituídas por bolas de couro revestidas com cabelo. Formavam-se duas equipes com oito jogadores e o objetivo era passar a bola de pé em pé sem deixar cair no chão, levando-a para dentro de duas estacas fincadas no campo. Estas estacas eram ligadas por um fio de cera. No Japão Antigo, foi criado um esporte muito parecido com o futebol atual, porém se chamava Kemari. Praticado por integrantes da corte do imperador japonês, o Kemari acontecia num campo de aproximadamente 200 metros quadrados. A bola era feita de fibras de bambu e entre as regras, o contato físico era proibido entre os 16 jogadores (8 para cada equipe). Historiadores do futebol encontraram relatos que confirmam o acontecimento de jogos entre equipes chinesas e japonesas na antiguidade. Na Grécia, os gregos criaram um jogo por volta do século I a.C que se chamava Episkiros. Neste jogo, soldados gregos dividiam-se em duas equipes de nove jogadores cada e jogavam num terreno de formato retangular. Na cidade grega de Esparta, os jogadores, também militares, usavam uma bola feita de bexiga de boi cheia de areia ou terra. O campo onde se realizavam as partidas, em Esparta, era bem grande, pois as equipes eram formadas por quinze jogadores. Quando os romanos dominaram a Grécia, entraram em contato com a cultura grega e acabaram assimilando o Episkiros, porém o jogo tomou uma conotação muito mais violenta. Há relatos de um esporte muito parecido com o futebol, embora se usava muito a violência. O Soule ou Harpastum era praticado na Idade Média por militares que se dividiam em duas equipes : atacantes e defensores. Era permitido usar socos, pontapés, rasteiras e outros golpes violentos. Há relatos que mostram a morte de alguns jogadores durante a partida. Cada equipe era formada por 27 jogadores, onde grupos tinham funções diferentes no time: corredores, dianteiros, sacadores e guarda-redes. Na Itália Medieval apareceu um jogo denominado 'gioco del calcio', 'jogo do pontapé'. Era praticado em praças e os 27 jogadores de cada equipe deveriam levar a bola até os dois postes que ficavam nos dois cantos extremos da praça. A violência era muito comum, pois os participantes levavam para campo seus problemas causados, principalmente por questões

sociais típicas da época medieval. O barulho, a desorganização e a violência eram tão grandes que o rei Eduardo II teve que decretar uma lei proibindo a prática do jogo, condenando a prisão os praticantes. Porém, o jogo não terminou, pois integrantes da nobreza criaram uma nova versão dele com regras que não permitiam a violência. Nesta nova versão, cerca de doze juízes deveriam fazer cumprir as regras do jogo. Assim, o futebol chega à Inglaterra. Pesquisadores concluíram que o ‘gioco de calcio’, jogo do pontapé’, saiu da Itália e chegou a Inglaterra por volta do século XVII. Na Inglaterra, o jogo ganhou regras diferentes e foi organizado e sistematizado. O campo deveria medir 120 por 180 metros e nas duas pontas seriam instalados dois arcos retangulares chamados de gol. A bola era de couro e enchida com ar. Com regras claras e objetivas, o futebol começou a ser praticado por estudantes e filhos da nobreza inglesa. Aos poucos foi se popularizando. No ano de 1848, numa conferência em Cambridge, estabeleceu-se um único código de regras para o futebol. No ano de 1871 foi criada a figura do guarda-rede (goleiro) que seria o único que poderia colocar as mãos na bola e deveria ficar próximo ao gol para evitar a entrada da bola. Em 1875, foi estabelecida a regra do tempo de 90 minutos e em 1891 foi estabelecido o pênalti, para punir a falta dentro da área. Somente em 1907 foi estabelecida a regra do impedimento. O Futebol como profissão foi iniciado somente em 1885 e, no ano seguinte, seria criada, na Inglaterra, a ‘International Board’, entidade cujo objetivo principal era estabelecer e mudar as regras do futebol quando necessário. No ano de 1897, uma equipe de futebol inglesa chamada Corinthians fez uma excursão fora da Europa, contribuindo para difundir o futebol em diversas partes do mundo. Em 1888, foi fundada a ‘Football League’ com o objetivo de organizar torneios e campeonatos internacionais. No ano de 1904, foi criada a FIFA (Federação Internacional de Futebol Association) que organiza até hoje o futebol em todo mundo.

O Rei Luiz III aplaudiu e, depois, lembrou-se que deveria permanecer neutro na competição e apressou-se em sentar, um pouco envergonhado.

O divertido jovem Esportista deu um último salto mortal e caiu no chão, fingendo-se de morto, demonstrando ter sido vencido.

Depois, levantou-se, deu os parabéns ao jovem sábio, curvando-se em reverência, e disse:

- Saber perder é uma virtude do esportista. A resposta e todas as observações estão precisas e corretas. O sábio foi muito além do que eu esperava e sabia!

Assim, foi desclassificado, para alívio da Família Real.

Ao sair, o jovem Esportista pensou: “Estes sábios podem dominar o conhecimento, mas deveriam se preocupar em praticar esportes para o próprio bem deles! Eles estão todos muito gordinhos!”.

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, chamou e apresentou o sétimo e último candidato pretendente:

- O sétimo e último candidato pretendente é um Artesão, tem 32 anos. Por favor, pode dirigir sua pergunta aos 10 Sábios Reais!

A Princesa Arlete, que já se preparava para se retirar do Salão Nobre, decidiu ficar até o final da competição. Ela ficou curiosa quanto às perguntas que um simples e desconhecido artesão faria aos 10 Sábios Reais.

O Artesão, aparentando muita timidez, levantou-se humildemente e andou em passos lentos em direção aos 10 Sábios Reais. Ele segurava, nervosamente, o chapéu em suas mãos. Em seguida disse:

- Senhores doutores! Eu não estou aqui para desafiar os maiores sábios do reino. Não tenho a menor pretensão neste sentido. Sou um Artesão, vivo de forma simples e sequer tenho diploma universitário. Mas, a única certeza que trago é que eu amo profundamente a Princesa Arlete e aceitei este desafio em razão deste amor que tenho por ela desde o dia em que a vi pela primeira vez!

A Princesa Arlete ficou corada e seu coração disparou no peito. Ela observava aquele homem forte, alto e com seus longos cabelos preto caídos nos ombros. A figura deste homem lhe parecia familiar. E sua declaração de amor, a primeira feita por um candidato pretendente, lhe parecia ser sincera.

O Rei Luiz III e a Rainha Suely mostravam-se apáticos e já tinham perdido a esperança de encontrar um candidato pretendente que fosse classificado. Assim, eles pareciam não prestar muita atenção no Artesão.

Ao contrário, a Princesa Arlete arregalou seus olhos azuis e fixou o olhar no Artesão, curiosa e muito interessada nas perguntas que ele formularia aos 10 Sábios Reais.

E humilde artesão iniciou suas perguntas:

- Respeitáveis sábios! Todos nós sabemos que o homem nunca conseguirá estar plenamente feliz e satisfeito sem o contato com as belezas da Natureza! Eu tenho dedicado toda minha vida para apreciar e estudar a Natureza de nosso querido reino, seus recursos, sua flora e sua fauna. Assim, minha primeira pergunta é: Quantas espécies de pássaros habitam nossas matas?

Nenhum dos 10 Sábios Reais se apresentou para responder a esta pergunta.

Para garantir seu ponto número 1, o Artesão respondeu:

- Eu fiz esta contagem por várias vezes, em repetidos anos. E posso afirmar que 236 espécies de pássaros vivem em nossas lindas matas!

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, exclamou:

- Em vista da pergunta não ter a resposta dos 10 Sábios Reais e nem por eles ter sido contestada, o ponto é para o Artesão!

E o Artesão fez sua segunda pergunta:

- Respeitáveis sábios! A água que bebemos, uma das mais puras da região, se origina nas fontes existentes ao pé de nossas montanhas. Quantas fontes existem somente na Montanha da Pedra Azul, a maior de nosso reino?

Nenhum dos 10 Sábios Reais se apresentou para responder a esta pergunta.

Para garantir seu ponto número 2, o Artesão respondeu:

- A Montanha da Pedra Azul é um dos meus locais favoritos. Eu a visito frequentemente e sacio minha sede nas 18 fontes de água pura e cristalina que brotam no pé da montanha. Portanto, são 18 as fontes.

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, exclamou:

- Em vista da pergunta não ter a resposta dos 10 Sábios Reais e nem por eles ter sido contestada, o ponto é para o Artesão!

E o Artesão fez sua terceira pergunta:

- Respeitáveis sábios! Em nossas matas existem muitos animais silvestres, como mamíferos, répteis, entre muitos outros. Estes animais se

alimentam de frutas, sementes e folhas. Mas, alguns, se alimentam de outros animais, mantendo o equilíbrio. Minha pergunta é: Qual é o maior predador existente em nossas matas?

Nenhum dos 10 Sábios Reais se apresentou para responder a esta pergunta.

Para garantir seu ponto número 3, o Artesão respondeu:

- O maior predador, sem dúvida, é a raposa vermelha! Ela reina soberana entre todos os animais de nosso reino.

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, exclamou:

- Em vista da pergunta não ter a resposta dos 10 Sábios Reais e nem por eles ter sido contestada, o ponto é para o Artesão!

E o Artesão fez sua quarta pergunta:

- Respeitáveis sábios! Há mais de cinquenta anos atrás, um nobre da corte plantou em nossas matas cinco mudas da chamada 'árvore da vida', trazidas da África. Hoje elas estão imensas e dão um espetáculo grandioso, perdidas no meio da mata. Qual é o nome desta árvore conhecida como 'árvore da vida'?

Nenhum dos 10 Sábios Reais se apresentou para responder a esta pergunta.

Para garantir seu ponto número 4, o Artesão respondeu:

- O nome desta árvore é Baobá! O Baobá é uma árvore nativa da ilha de Madagascar, da África e da Austrália. É uma árvore que pode chegar a uma altura de 40 metros, com até 12 metros de diâmetro. Ela se destaca pela capacidade de armazenar água dentro do tronco, que pode alcançar até 120.000 litros! Em situações de extrema seca na região, esta água armazenada salva muitas vidas humanas.

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, exclamou:

- Em vista da pergunta não ter a resposta dos 10 Sábios Reais e nem por eles ter sido contestada, o ponto é para o Artesão!

E o Artesão fez sua quinta pergunta:

- Respeitáveis sábios! Há muitos anos atrás, o Reino da Sapiência era produtor de uma rara pedra preciosa. A venda desta pedra preciosa aos reinos vizinhos rendia uma boa fortuna à Família Real. Minha pergunta é: Qual era o nome desta rara pedra preciosa e por que ela não foi mais produzida no reino?

Nenhum dos 10 Sábios Reais se apresentou para responder a esta pergunta.

Para garantir seu ponto número 5, o Artesão respondeu:

- Esta pedra era a turmalina! E ela não foi mais produzida em razão da ordem do Rei Luiz II, pai do nosso querido Rei Luiz III. Ele deu esta ordem porque a exploração da mina de turmalina estava destruindo uma grande extensão da mata, prejudicando a flora e a fauna do reino. Hoje ela está fechada e soterrada, perdida no meio da mata, que se recuperou após muitos anos de destruição e danos. No lugar onde antes se encontravam turmalinas, hoje cantam dezenas de pássaros e muitos animais silvestres comem dos frutos e sementes das árvores que lá nasceram. E esta era a verdadeira riqueza que o saudoso Rei Luiz II queria preservar.

O Rei Luiz III ficou muito contente com esta homenagem ao seu pai. Ele ainda era criança na época e nem se lembrava deste gesto de tanta sabedoria de seu querido pai. Ele olhou para a Princesa Arlete e deu um sorriso, em sinal de aprovação ao que o Artesão havia dito.

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, exclamou:

- Em vista da pergunta não ter a resposta dos 10 Sábios Reais e nem por eles ter sido contestada, o ponto é para o Artesão!

E o Artesão fez sua sexta pergunta:

- Respeitáveis sábios! Temos em nossas matas duas das mais perfumadas flores da Natureza. Com elas, os nossos perfumistas fazem os melhores perfumes do reino. Minha pergunta é: Quais são as duas flores mais perfumadas do nosso reino?

Nenhum dos 10 Sábios Reais se apresentou para responder a esta pergunta.

Para garantir seu ponto número 6, o Artesão respondeu:

- Nossos melhores perfumes, muito apreciados pelas mulheres de nosso reino, incluindo a Princesa Arlete e a Rainha Suely, são extraídos da Gardênia e do Jasmim, muito comum em nossos bosques e campos.

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, exclamou:

- Em vista da pergunta não ter a resposta dos 10 Sábios Reais e nem por eles ter sido contestada, o ponto é para o Artesão!

Os 10 Sábios Reais se mostravam muito interessados nas perguntas do desconhecido Artesão e pareciam motivados a aprender com eles. Ao contrário, não se sentiam frustrados ou desmerecidos em seu valor. Assim, mostravam ser grandes sábios – os sábios têm sede de novos conhecimentos! O grande filósofo Sócrates já dizia: “Só sei que nada sei!”.

E o Artesão fez sua sétima pergunta:

- Respeitáveis sábios! Nossas matas são ricas em biodiversidade. As árvores e arbustos que dão flores alimentam várias espécies de beija-flores. E, em nosso reino, nós temos o menor dos beija-flores. Minha pergunta é: Qual é este pequeno beija-flor que habita nossas matas e campos e qual é o seu tamanho e peso?

Os 10 Sábios Reais olharam uns para os outros e sorriam discretamente, como se dissessem: “Não temos a menor ideia!”.

Nenhum dos 10 Sábios Reais se apresentou para responder a esta pergunta.

Para garantir seu ponto número 7, o Artesão respondeu:

- O nosso menor beija-flor pesa aproximadamente 2 gramas e tem um comprimento de 5 centímetros! Seus ovos são menores do que um grão de café. Estamos falando do Beija-Flor Abelha. Este é o seu nome.

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, exclamou:

- Em vista da pergunta não ter a resposta dos 10 Sábios Reais e nem por eles ter sido contestada, o ponto é para o Artesão!

O Rei Luiz III e a Rainha Suely começaram a se agitar em suas cadeiras. Será que diante deles estaria o homem mais sábio do reino e que se casaria com sua filha?

A Princesa Arlete simpatizava-se com o Artesão pela forma como ele se manifestava e, respeitosamente, fazia suas perguntas. E começou a admirá-lo por conhecer tão bem os assuntos da Natureza do Reino da Sapiência, tema que também gostava muito.

E o Artesão fez sua oitava pergunta:

- Respeitáveis sábios! Está surgindo uma ameaça muito séria ao meio ambiente de nosso querido reino. Esta ameaça ainda não é visível com facilidade aos olhos da maioria de nossos súditos. Mas, ela é sem dúvida, a maior ameaça para a nossa bela Natureza. Minha pergunta é: Qual é esta ameaça?

Uma vez mais, os 10 Sábios Reais olharam uns para os outros e trocaram, discretamente, sinais que desconheciam que ameaça poderia ser esta.

Nenhum dos 10 Sábios Reais se apresentou para responder a esta pergunta.

Para garantir seu ponto número 8, o Artesão respondeu:

- Uma de nossas maiores riquezas é a pureza de nossas águas cristalinas brotadas de nossas montanhas. Mas, o número de súditos do reino está crescendo cada vez mais. O volume de águas servidas das casas, que está sendo jogado no Rio dos Peixinhos Dourados, é cada vez maior. Assim, este rio, que é um dos mais belos do reino, está ficando poluído. Em minhas andanças pelas matas eu pude constatar que já há trechos deste rio onde não se vê mais espécies de peixinhos, incluindo os peixinhos dourados. Tampouco, vive lá qualquer outro animal. Assim, a maior ameaça ao nosso meio ambiente e à nossa Natureza é o esgoto que vem sendo lançado em nosso principal rio!

O Rei Luiz III, ao ouvir isto, levantou-se imediatamente, exclamando:

- Isto não pode estar acontecendo em nosso reino, justamente o Reino da Sapiência. Meus fiéis e sábios conselheiros, eu peço que estudem urgentemente esta ameaça e apresentem sugestões para corrigi-la o mais rápido possível!

Todos os 10 Sábios Reais fizeram sinal com a cabeça, em absoluta concordância.

Em seguida, Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, exclamou:

- Em vista da pergunta não ter a resposta dos 10 Sábios Reais e nem por eles ter sido contestada, o ponto é para o Artesão!

E o Artesão fez sua nona pergunta:

- Há um projeto experimental em andamento, em uma das escolas do nosso reino, onde as crianças estão aprendendo uma nova matéria - Ecologia e Meio Ambiente. Assim, estão tendo aulas de como o ser humano deve conviver com a Natureza e como ele não pode sobreviver sem sua preservação. Além disto, os alunos fazem passeios pelas nossas matas para aprenderem admirar suas belezas naturais, a flora, a fauna, a beleza das flores, o canto dos pássaros, o gosto da água pura e cristalina que brota da fonte. E esta experiência é a maior esperança de um mundo melhor. Um mundo onde se preserva e se respeita a Natureza. Ensinando-se as crianças, teremos adultos responsáveis na preservação do meio ambiente. Isto não é importante somente para o Reino da Sapiência, como a todos os demais reinos. Em breve, esta experiência, que está dando certo, será expandida para as demais escolas do reino e, com certeza, será copiada pelos demais reinos vizinhos. Assim, minha pergunta é: De quem partiu esta iniciativa? Quem foi a madrinha desta ideia?

Os 10 Sábios Reais, desta vez, fizeram sinais ao Artesão para que desse logo sua resposta.

Assim, nenhum dos 10 Sábios Reais se apresentou para responder a esta pergunta.

Para garantir seu ponto número 9, o Artesão respondeu:

- A pessoa que deu esta ideia e passou a ser a madrinha desta grande iniciativa se chama - Princesa Arlete!

E foi uma surpresa geral. Nem os 10 Sábios Reais, nem o Rei Luiz III e a Rainha Suely tinham conhecimento que a Princesa Arlete tivera tão brilhante ideia.

Ela era muito discreta e não gostava de se autopromover através de causas que julgava como uma obrigação social sua. Mas, adorou ter sido lembrada e homenageada pelo gentil Artesão.

Na plateia, os 100 súditos convidados começaram a se agitar. Muitos se levantaram e adiantaram seus cumprimentos ao futuro Príncipe Consorte: “Viva o Artesão! Viva o futuro Príncipe Consorte!”.

Foi preciso a intervenção da Guarda Real para que voltassem aos seus lugares e não se manifestassem mais até o final da competição.

E o Artesão fez sua décima e última pergunta:

- Respeitáveis Sábios! O Reino da Sapiência foi um dos primeiros reinos a criar um Parque Natural, para proteção da fauna e da flora. Este parque foi criado há décadas atrás pelo Rei Luiz I, avô do Rei Luiz III. Em sua homenagem, à porta de entrada do parque está a placa - Reserva Natural Rei Luiz I. Assim, minha última pergunta é: Qual é o tamanho deste parque e que porcentagem ocupa de nosso reino?

O silêncio era geral. A Família Real levantou-se, aguardando a manifestação dos 10 Sábios Reais. A Princesa Arlete estava nervosa e emocionada. Aquela resposta poderia dar ao Artesão o título de Príncipe Consorte no futuro e a mão da Princesa Arlete.

O desconhecido Artesão permanecia aflito e olhava atentamente para ver a reação dos 10 Sábios Reais.

E foi então que aconteceu a grande surpresa. Um dos sábios se apresentou para dar a resposta e foi firme e contundente:

- Meu respeitável Artesão. Infelizmente, creio que sei a resposta e sinto muito! Mas, este é o meu dever e minha missão nesta competição. A resposta à sua pergunta é: A Reserva Natural Rei Luiz I tem exatamente 11 mil, duzentos e quarenta e dois quilômetros quadrados, o que representa 22% do total da área do Reino da Sapiência que é de 51 mil e cem quilômetros quadrados! Eu sei destes números em razão de ter participado pessoalmente da equipe de medição. Voamos de balão por todo o reino e todo o parque. Pousamos por várias vezes, abrimos trilhas nos limites do parque para fazer medições e utilizamos o mais preciso teodolito, um instrumento para medir distâncias.

O sentimento de pesar era geral. A Família Real sentou-se, não conseguindo esconder sua decepção. A Princesa Arlete não conseguia esconder as lágrimas que caíam de seus olhos.

Mas, este não era os números que o desapontado Artesão tinha. Um pouco constrangido ele contestou a resposta do sábio:

- Respeitável sábio! Com meu maior respeito, este não é o número que eu tenho para o tamanho da Reserva Natural Rei Luiz I! Eu ando há anos

neste parque e fiz uma medição meticulosa, passo a passo, a redor de seus limites! Um passo meu equivale a um metro. Eu tenho todo o limite do parque marcado com estacas de bambus, fincadas no chão a cada 1.000 metros. Assim, não foi difícil para eu calcular a sua área. Portanto, pelos meus cálculos, o parque tem exatamente 8 mil, seiscentos e cinquenta quilômetros quadrados, medidos, como disse, passo a passo! Portanto, o parque ocupa 17% do Reino da Sapiência.

Esta posição do Artesão, que até então vinha somando todos os pontos, deixou os 10 Sábios Reais e a Família Real em uma situação de dúvida. Criou-se um impasse!

Exercendo o seu poder, o Rei Luiz III assumiu uma posição:

- Bem, o jovem Artesão demonstrou em toda a competição muita sensibilidade e respeito. Além disto, comprovou ser um grande estudioso de nossa Natureza. Ele afirma categoricamente que a sua medição está correta. O sábio, por sua vez, tem outro número. O que os 10 Sábios Reais recomendam para resolver este impasse?

Os 10 Sábios Reais se reuniram por alguns minutos e, depois, apresentaram ao Rei Luiz III a sua sugestão:

- Como os cálculos estão divergindo, nossa recomendação é que a Coroa promova um novo levantamento da área e proceda a novos cálculos!

E O Rei Luiz III confirmou:

- Então, a competição está suspensa até que novos cálculos sejam feitos. Vou ordenar aos engenheiros do reino para fazer novos cálculos!

Dizendo isto, o Rei Luiz III encerrou a competição e retirou-se. Após a saída do rei e da rainha, saíram os 10 Sábios Reais e os súditos convidados. Nesta oportunidade, um dos sábios disse ao sábio mais velho:

- Mestre dos mestres! Hoje nós aprendemos aqui uma grande lição. Estivemos sempre voltando nossa atenção para os conhecimentos universais dos mai variados. Mas, não demos a devida atenção para os pequenos, mas importantes, conhecimentos do nosso próprio reino, em especial os relacionados à nossa Natureza. E isto, o artesão nos ensinou uma grande lição!

Todos os demais sábios fizeram um sinal com a cabeça, em plena concordância.

Os últimos a sair do Salão Nobre foram a Princesa Arlete e o Artesão. Este sentado, com a cabeça baixa, chorava pela possibilidade de estar errado em seus cálculos. Ele nem percebeu a presença da Princesa Arlete até que esta tocou seus cabelos delicadamente, dizendo:

- Meu bravo Artesão! Não se dê, ainda, por vencido! Vamos esperar os novos cálculos que meu pai ordenou. Vá para sua casa e que Deus continue abençoando esta sua alma tão generosa e tão dedicada à Natureza!

A Princesa Arlete, igualmente, se retirou do Salão Nobre.

Um pouco mais tarde, retirou-se o Artesão.

Quincas, o candidato pretendente, foi levado pela Guarda Real e saiu do Castelo por uma porta secreta, mantendo o segredo quanto à sua identidade.

Quincas não abriu sua oficina de artesanato por três dias após a competição. Ele se limitava a cuidar de sua horta e de sua criação, intercalando com passeios solitários nas trilhas da mata.

Seus vizinhos estranharam o fato de não ouvi-lo cantar nestes três dias, como costumava fazer.

- Será que nosso amigo Quincas está doente? Perguntavam.

E, se Quincas tinha alguma doença, esta doença estava em seu coração apaixonado. Ele que tivera a mão da Princesa Arlete tão próxima dele, de repente poderia perdê-la.

Os dias se passaram e Quincas voltou, aos poucos, à sua rotina, fazendo o que sabia fazer de melhor - artefatos em couro. E as encomendas eram muitas. Seus clientes aguardavam sua volta ao trabalho ansiosamente.

No Castelo, os 10 Sábios Reais e o Rei Luiz III passavam os dias analisando e discutindo os planos para o novo levantamento e cálculo da área total da Reserva Natural Rei Luiz I.

O Rei Luiz III tinha pressa na conclusão deste trabalho. Ele precisava resolver o impasse criado entre o sábio e o Artesão, em vista da divergência

entre as respostas e a dúvida que surgiu quanto ao real tamanho da referida reserva.

Solucionar este impasse seria de vital importância para a Família Real. Se o Artesão estiver certo, ele será o futuro Príncipe Consorte do reino. Se o sábio estiver certo, o Rei Luiz III escolherá o marido de sua filha dentre os nomes sugeridos pelos 10 Sábios Reais.

Quando visitava o parque, Quincas via a movimentação dos engenheiros do reino e os soldados da Guarda Real nos trabalhos de medição da área da Reserva Natural Rei Luiz I.

A expectativa no Reino da Sapiência era geral. Afinal de contas, todos gostariam de ver a Princesa Arlete se casar e dar ao reino um futuro herdeiro do trono. E se ela se casasse com um dos súditos, a alegria seria geral.

Algumas semanas depois, Quincas recebeu a visita de um emissário do Rei Luiz III. O emissário lhe entregou um canudo de papelão, forrado com veludo vermelho e lacrado com o selo real dourado. Dentro do canudo estava uma carta pessoal do Rei Luiz III ao Quincas.

A carta pedia o comparecimento de Quincas no Castelo, determinando dia e hora para este evento.

- Com certeza, eles vão me dar o resultado final do cálculo da área total do parque, confirmando ou não minha resposta! Pensou Quincas.

As noites que antecederam este encontro foram de muita ansiedade para Quincas. Ele mal conseguia dormir, andava em sua casa de lá para cá. Às vezes saía para ver o luar. E o belo luar o fazia se lembrar mais ainda de sua amada, a Princesa Arlete.

E, finalmente, este dia chegou.

Quincas procurou vestir sua melhor roupa e seu melhor chapéu. Quando chegou ao Castelo, uma multidão já estava à sua espera, gritando seu nome, aplaudindo-o como o futuro Príncipe Consorte.

Mas, Quincas procurava não se deixar envolver por este entusiasmo. A resposta do sábio poderia estar certa, por que não? Uma coisa é medir uma área com passos, outra é medir a mesma área com instrumentos de medição.

À porta do Salão Nobre, a Guarda Real estava com seu uniforme de gala. Eles vestiam calças brancas, casacos vermelhos com botões dourados, seguravam lanças com pequenas bandeiras do Reino da Sapiência. A Guarda Real alinhava-se à entrada do Salão Nobre, sendo 15 soldados de cada lado.

Quando Quincas chegou, ele foi anunciado a todos que estavam presentes o aguardando dentro do Salão Nobre.

Batendo com uma lança três vezes no chão, o Lorde Afonso, Secretário-Geral da Corte, exclamou:

- O senhor Joaquim Pedro Ferreira, o Artesão!

Quincas caminhou ao lado do Lorde Afonso por um corredor, decorado com muitas flores e um tapete de veludo vermelho estendido no chão, até onde estava o trono do Rei Luiz III.

Ao lado direito do trono estava a Rainha Suely e do lado esquerdo, a Princesa Arlete.

Quincas se aproximou do Rei Luiz III.

Sem saber exatamente o que deveria fazer, Quincas permaneceu imóvel perante o Rei Luiz III.

Seu olhar, depois, se voltou para a Princesa Arlete, que lhe sorria carinhosamente e mostrava-se muito feliz.

E o Rei Luiz III, finalmente se manifestou:

- Minha querida esposa Rainha Suely, minha adorada filha Princesa Arlete, senhores membros da Corte, respeitáveis sábios e todos aqui presentes, minha saudações e sejam todos bem-vindos! Nós estamos aqui reunidos para um dos mais importantes eventos ocorridos neste reino. Eu gostaria de anunciar a todos que o jovem Artesão Joaquim Pedro Ferreira venceu a competição, mostrando-se o maior sábio do reino. Seus cálculos do tamanho da Reserva Natural Rei Luiz I estavam corretos e foram confirmados pelos 10 Sábios Reais. E a ele, eu concedo a mão de minha filha, a Princesa Arlete! E cabe à Princesa Arlete aceitar ou não o pedido de casamento!

Quincas não acreditava no que estava ouvindo. Ele apressou-se em pegar e beijar a mão do Rei Luiz III e da Rainha Suely.

Em seguida, ele ajoelhou-se em reverência à Princesa Arlete e, delicadamente, beijou sua mão, dizendo:

- Princesa Arlete, meu coração sentia, desde o primeiro dia que a vi em minha humilde oficina de artesanato, que o Destino havia selado nossos caminhos. Eu hoje sou o homem mais feliz do Reino da Sapiência e farei tudo para que a princesa seja a mulher mais feliz deste reino! Princesa Arlete, aceita se casar com este humilde mais honrado e fiel súdito?

A Princesa Arlete pegou sua mão, fazendo-o levantar-se e respondeu:

- Quincas, minha resposta é sim! Sim, eu aceito ser sua esposa e estou muito feliz pelo seu sucesso na competição!

Os dois, de mãos dadas, se colocaram à frente do trono, recebendo a benção final do Rei Luiz III e da Rainha Suely.

E o Rei Luiz III exclamou, demonstrando muita alegria e felicidade:

- O casamento de minha filha com o jovem artesão Joaquim será comemorado em uma grande festa no Reino da Sapiência e ocorrerá daqui a um mês!

Todos aplaudiram e a notícia se espalhou rapidamente pelo reino. As comemorações estavam por toda a parte. Os súditos saíram às ruas cantando, dançando, portando bandeiras com as cores do reino e gritavam sem parar:

- “Viva o Artesão Quincas! Viva a Princesa Arlete! Viva o futuro Príncipe Consorte!”.

O casamento da Princesa Arlete com Quincas foi a festa mais bela que o Reino da Sapiência tivera até então. Houve o casamento religioso na catedral da cidade, o baile de gala no Salão Nobre, festas comunitárias promovidas pela Família Real em todos os cantos do reino.

E a Princesa Arlete e Quincas fizeram questão de visitar todos os locais onde estavam ocorrendo as festas comunitárias, para agradecer o apoio de todos os súditos.

Quincas mudou-se para o Castelo. Mas, manteve sua casa e sua oficina de artesanato.

Não raras vezes, ele deixava o Castelo para permanecer por alguns momentos em sua humilde casa, fazia alguns artefatos de couro, atendendo pedidos especiais, visitava o parque, caminhava por suas trilhas.

Em nenhum momento, ele quis esquecer suas origens simples, mesmo sabendo que, agora, pertencia à nobreza da Corte.

Com os 10 Sábios Reais, ele continuou aprendendo os conhecimentos universais. Ele não tinha dúvida que precisaria de muita sabedoria para, um dia, se tornar o Príncipe Consorte e ajudar sua querida princesa quando ela se tornar a nova rainha do Reino da Sapiência.

Mas, uma coisa era certa - os assuntos de meio ambiente, ecologia e da natureza do reino passarão a ter uma grande importância doravante e, principalmente, no reinado da Rainha Arlete e o Príncipe Consorte Joaquim.

FIM